

Roberto de Carvalho lança faixa inédita de Rita Lee

PÁGINA 2



Maricá Filmes, o 1º streaming grátis do país

PÁGINA 3



Fani Bracher reinventa cenas mineiras em mostra

PÁGINA 8



2º CADERNO

Arrigo Barnabé se une a músicos da Isca de Polícia para revisitar a obra do amigo Itamar Assumpção em audiovisual e álbum gravados ao vivo em São Paulo



Stela Handa/Divulgação

Por Affonso Nunes

Não há como não pensar no movimento da Vanguarda Paulistana sem que sejam citados Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. A morte precoce de Itamar em 2003, aos 53 anos, interrompeu uma das mais instigantes trajetórias da MPB. Depois dos shows que fez como intérprete cantando Lupicínio Rodrigues e Roberto/Erasmus Carlos, Arrigo decidiu visitar o repertório do velho amigo em apresentações ao vivo no ano passado acompanhado da cozinha rítmica da Isca de Polícia, rebatizada como Trisca, uma das bandas que acompanhava Itamar.

Neste junho, a gravadora Atração lança nas plataformas em áudio e vídeo “Arrigo Visita Itamar” com Arrigo Barnabé e a banda Trisca. O lançamento será feito em três partes: a introdução e três músicas já estão disponíveis, quatro músicas estarão no streaming em 5 de julho e o álbum completo 9 de setembro chega ao mercado.

“Foi um presente da Atração. A gente não tinha a menor pretensão. Usei uma performance antiga que eu fazia com uma máquina de escrever, isso em 1982/1983!!, como fio condutor. Então a máquina ficou também como uma espécie de “elo mediúnico” que

Um encontro mediúnico com Itamar

me permitia conversar com o Itamar no além. O Itamar me disse várias vezes que a gente já se conhecia de outras vidas, e que a gente iria se encontrar de novo. E falava isso com muita certeza”, conta Arrigo.

“Quando Eu Me Chamar Saudade”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, abre a primeira parte do EP. “Essa é a cara do Itamar, embora seja do Nelson Cavaquinho. É a história do artista que não é reconhecido em vida. Adoro cantar essa música. Adoro samba.”

Em seguida, “Fico Louco”, de Itamar e gravada originalmente em “Beluléu, Leléu, Eu” (1980), o primeiro álbum de Itamar com a Isca de Polícia. “Nós morávamos juntos no Bexiga quando o Itamar compôs. Eu adorava cantar gritando como um louco. A coisa do “Fico

Louco” é bem anos 1970, era a cara daquela época. Ele mudou a letra várias vezes, mas era aquela coisa Hélio Oiticica, seja marginal seja herói”, recorda Arrigo.

“Tristes Trópicos” fecha a tampa do primeiro volume. “Essa o Itamar fez sobre um poema do Ricardo Guará, no final dos anos 1980. O Guará também morava com a gente no Bexiga. Bom, o Guará fez um trava-língua e tanto o Itamar encontrou um jeito de encaixar as palavras numa melodia curta, um mantra muito bem solucionado.

A ideia desse projeto começou quando Arrigo Barnabé participou como convidado de um show com a banda Isca de Polícia, no Sesc 24 de maio, em janeiro de 2022, e ele disse ao Paulo Lepetit (baixista e diretor musical da banda), que gostaria de fazer um trabalho

Arrigo Barnabé e os músicos da Trisca (parte da Isca de Polícia) na apresentação que ganha registro audiovisual e álbum

interpretando músicas do Itamar.

Começaram a pensar no projeto, que se concretizou em um show apresentado no Sesc Pompeia. No seu desenvolvimento, Arrigo acrescentou às músicas do Itamar algumas canções de artistas que ele sempre gostou muito de cantar.



Divulgação

Devido ao sucesso, seguiram com apresentações em outros locais, até que no final do ano passado, Wilson Souto, da Atração, assistiu à apresentação e propôs ao Arrigo registrar o projeto.

Natural de Tietê (SP), Itamar se destacou na cena independente de São Paulo nos anos 1980 e 1990. Foi exímio baixista e tocou, antes da carreira solo, na banda de Arrigo. Seu trabalho provocador, fora dos padrões, repleto de pausas gerando silêncios, ainda é tensionado em uma posição crítica frente às exigências mercadológicas.

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Boni atuará agora apenas como sócio-proprietário

Boni deixa direção de afiliada da Globo para se aposentar

Após 70 anos de trabalho na tevê, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, vai se afastar de vez do trabalho no meio de comunicação mais importante do país. Na última semana, Boni avisou para funcionários da TV Vanguarda, afiliada da Globo no interior de São Paulo, onde é sócio, que vai se afastar do dia a dia da empresa, se

mantendo apenas como sócio proprietário.

Com 89 anos, Boni tomava decisões importantes e mantinha uma interlocução com a Globo juntamente com Roberto Buzzoni, seu sócio na empresa.

A partir desta semana, Bruno Boni e Reynaldo Buzzoni, filhos dos mandatários, passam a mandar.

Academia Jovem

A Sala Cecília Meireles apresenta terça-feira (11), às 19h, dentro da série Orquestras, a Academia Jovem Concertante, com regência de Daniel Guedes e Simone Leitão ao piano. No repertório, obras de Cibelle Donza, Edvard Grieg e Johannes Brahms.

Na regressiva

A Netflix anunciou a data de estreia de “Pedaço de Mim”, sua primeira série de melodrama. A trama, que estreia no dia 5 de julho, será protagonizada por Juliana Paes e Vladimir Brichta e tem Felipe Abib, Palomma Duarte e João Vitti no elenco.

Temor

Emilia Clarke recordou o período em que sofreu dois aneurismas no auge do sucesso de “Game of Thrones” (HBO). A atriz cortou que, quando sofreu o primeiro aneurisma, em 2011, sua maior preocupação era ser demitida da atração.

Admitiu

Eliana confirmou pela primeira vez, que está se transferindo para a Globo. Por meio de seu Instagram, a apresentadora agradeceu a um seguidor que desejou muita sorte em uma possível caminhada profissional na nova emissora.

Reprodução Instagram



Roberto de Carvalho com Rita Lee no sítio de Cotia (SP), onde o casal mantém um estúdio

Voando com uma estrela

Versão inédita em português da canção italiana ‘Volare’, gravada por Rita Lee, será lançada nesta quarta-feira por Roberto de Carvalho

Rita Lee gravou uma versão em português e ao ritmo de bossa nova de “Volare”, a popular canção do italiano Domenico Modugno. Batizada como “Voando”, a faixa foi deixada em um “baú de memórias”, que deveria vir a público após a morte da cantora, disse Roberto de Carvalho, seu marido. Seu lançamento será nesta quarta-feira (120, Dia dos Namorados).

A versão em português deste clássico da música italiana, eternizada na voz de diversos artistas pelo mundo, foi repensada por Rita e Carvalho no sítio do casal em Cotia (SP), onde os dois passavam o tempo.

“Tem um momento no clipe em que ela nada aqui”, disse Carvalho, apontado para uma piscina

construída dentro da casa que Rita chamava de “lago encantado”.

“É como se Rita tivesse voando aqui, observando. Estivesse não, porque ela está aqui nesse exato momento, a gente não pode ver mas pode sentir”, disse.

Na casa em meio a uma variedade de plantas e flores, Rita construiu um pequeno altar com imagens de santos variados - incluindo os roqueiros. É lá também que ficava o estúdio do casal, onde foi gravada “Voando”.

Segundo Carvalho, “Volare” era uma música que a mãe de Rita, que era pianista tocava e cantava com frequência. “Talvez as entidades que nos guiavam tenham determinado que existiria no futuro uma hora certa para a música”, disse, sobre o porquê da canção não ter sido

lançada antes.

“É uma maneira de matar a saudade, é uma maneira de homenageá-la e de fazer com que a obra permaneça viva. Permaneça organicamente viva”, disse Roberto. Sobre o conteúdo do baú de memórias deixado pela rainha do rock brasileiro, Roberto afirma existir mais material inédito de sua companheira de vida. “Tem mais coisas. Não sei quando vou lançar tudo. Preciso dos sinais”, comentou o músico.

O casal fez algumas adaptações na letra da canção. O clipe tem cenas inéditas, algumas até de vídeos caseiros, de várias fases da vida de Rita. Roberto ainda contou o que levou o duo a lançar a música. “A gente queria fazer releituras de clássicos do cinema”, explicou em entrevista ao Fantástico (Globo) na noite de domingo (9).

A maior estrela do rock brasileiro morreu no dia 8 de maio de 2023. Reclusa nos últimos anos, a cantora recebeu um diagnóstico de câncer de pulmão em 2021. Após tratamentos, em abril de 2022, a doença teria entrado em remissão.

Carvalho também afirmou que um livro de ficção escrito por Rita será lançado ainda neste ano, e que existem mais músicas inéditas da artista que podem sair do “baú de memórias”. “Eu vou ter que receber os sinais”, repete. “A gente se comunica por telepatia, nos comunicamos assim a vida toda”, comenta.

Primeira plataforma pública de streaming do país, a Maricá Filmes sacode o mercado com cults e clássicos nacionais

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Faroeste do Terceiro Mundo, considerado por muitos um dos maiores filmes deste país, “O Bandido da Luz Vermelha” (1968) é um dos primeiros cults que chegam ao acervo da Maricá Filmes, streaming que é um curso de cinema em forma de plataforma. Aliás, é a primeira de seu formato a ser pública.

Pérolas do cinema brasileiro não lhe faltam, como “Cinema Aspirinas e Urubus” (2005), de Marcelo Gomes; “A Alegria É A Prova dos Nove” (2023), de Helena Ignêz; “Baile Perfumado” (1996), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas; “Meu nome É Maalum” (2021), de Luisa Copetti; e “O Passageiro – Segredos de Adulto” (2006), de Flávio R. Tambellini. O tratado antirracista “A Negação do Brasil” (2000), de Joel Zito Araújo, também integra suas fileiras, repletas de títulos sobre populações indígenas e suas ancestralidades.

O projeto foi desenvolvido pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação da Prefeitura de Maricá (ICTIM), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura maricaense.

Sua criação foi divulgada na edição 2023 do fórum Rio2C e, de lá para cá, a plataforma publicou edital com o aporte de R\$ 500 mil para o licenciamento de conteúdo, com mais de novecen-

A ‘Brasilflix’ da Região dos Lagos



Divulgação

Alegria é a Prova dos Nove



Divulgação

Os Anos JK

tas (900) obras em audiovisual inscritas de todas as regiões do país. Agora, o www.maricafilmes.com.br apresenta seu catálogo com 65 títulos, com filmes nos formatos de curta, média e longa-metragem.

“A curadoria da Maricá Filmes é uma equipe interdisciplinar, composta por profissionais ligados ao cinema, que tem em comum o desejo de fazer uma plataforma plural e dialógica, no sentido de interagir com os receptores e com os fazedores de

cinema local”, diz Maria Geralda de Miranda, historiadora e consultora do Comitê Científico em Cultura do ICTIM. “É uma plataforma incluyente e deseja ter o rosto do Brasil, suas nuances, suas paisagens e a representação de seu povo, por meio do mais variado gênero de filmes, de modo que seu alcance seja amplo, e plural”.

Diretores que se tornaram grife autoral, como Silvio Tendler, papa do documentário histórico, tiveram sua obra incorporada à seleção da Maricá Filmes. Mes-



Divulgação

O Bandido da Luz Vermelha



Divulgação

Cinema, Aspirinas e Urubus

tre da não ficção, bamba no uso do arquivo, Tendler levou para lá sucessos de bilheteria como “Os Anos JK” (1980) e trabalhos mais recentes como “Dedo na Ferida”, laureado com o prêmio do júri popular no Festival do Rio 2017. Estão disponíveis ainda “Alma Imoral” e “A Bolsa Ou A Vida”.

“A curadoria da Maricá Filmes é ampla, plural e diversificada para que todos os gêneros de filmes estejam representados em nossa plataforma”, diz Tendler.

A leva de filmes estrangeiros

da Maricá Filmes é abrilhantada por marcos do expressionismo como “O Gabinete do Dr. Caligari” (1920) e “Nosferatu” (1922). Há ainda um marco do terror moderno: “A Noite dos Mortos-Vivos” (1968), de George A. Romero. Em breve, três obras originais e exclusivas da Maricá Filmes, produzidas com profissionais da cidade de Maricá e alunos da Incubadora de Inovação Social e Cultura do município, serão disponibilizadas na plataforma.

ENTREVISTA / JOSÉ LUIS VILLAMARIM, EXECUTIVO DA TELEDRAMATURGIA DA TV GLOBO

Por **Gabriel Vaquer** (Folhapress)

Quando chegou à Globo nos idos dos anos 1990, José Luiz Villamarim não imaginava que viraria o gestor da teledramaturgia da empresa 30 anos depois. “Sou um bicho de set”, diz ele em entrevista exclusiva, a primeira desde que virou o principal diretor de gênero da emissora, em 2020. Diretor de novelas como “Avenida Brasil” (2012), “Onde Nascem os Fortes” (2018) e “Amor de Mãe” (2019), Villamarim tem sido testemunha e protagonista de uma série de mudanças na emissora. O fim do grande banco de talentos da Globo se uniu à necessidade de exibir mais diversidade na tela. Na conversa a seguir, ele reflete sobre o atual momento das novelas no Brasil.

Remakes e continuações são uma tendência mundial. No caso da Globo, alguns foram bem-sucedidos, mas houve insucessos também. Isso não liga um alerta para produções futuras do tipo?

JOSÉ LUIS VILLAMARIM - Sou fã de remake. Já fiz “Anjo Mau” (1997), “Cabocla” (2004) e “O Rebu” (2014). A gente tem uma dramaturgia de 60 anos, e que está aí pra gente usar. Mal comparando com Shakespeare e companhia, são textos clássicos. O Benedito [Ruy Barbosa] é um clássico. Sempre que há a possibilidade de refazer algo dele é bom. Por que não revisitar textos a partir da pauta contemporânea? Evidentemente, fazendo os contrapontos, modernizando, incluindo a rede social, a internet, por exemplo, por que o mundo mudou. A gente tem vontade de fazer outros remakes, sim. Mas a gente não tem uma fórmula de sucesso. Algumas vezes algo vai melhor, outras não. Para mim, “Renascer” está super bem. “Pantanal” foi um buzz, sem dúvida. Em “Elas por Elas”, a gente teve que fazer uma correção e viramos o jogo.

Sim, a audiência subiu na reta final...

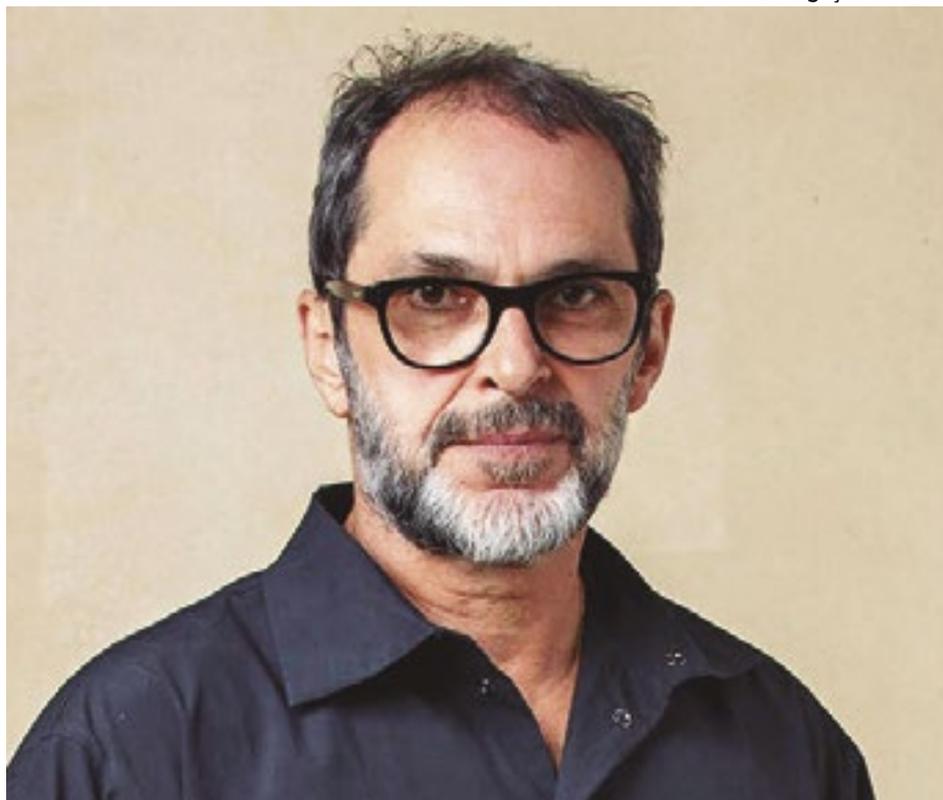
A gente fez uma correção, é da natureza do nosso negócio. Com essa novela, a gente experimentou. Fizemos uma coisa que acho importante: sair da caixinha. Claro que isso dentro de um negócio gigante. Isso [o erro] vai acontecer. Mas teremos outros remakes.

“Vale Tudo” é um deles?

Grande chance (risos). [Está] 99% certo. Será o ano dos 60 anos de Globo... Gosto de falar as coisas quando estão confirmadas, mas pode pensar em “Vale Tudo”, sim.

‘As pessoas querem ver TV e se identificar’

Divulgação TV Globo



E como seria atualizar uma novela como “Vale Tudo”? A questão da polarização, por exemplo, poderia estar no centro da trama?

O que tem que ter é o espírito do tempo. A gente tem que estar ligado no que está acontecendo. A gente vive num país hoje, como você lembrou, polarizado. Mais conservador por um lado, mais moderno por outro... Como fazer isso é a grande chave.

A Globo não tem mais um grande banco de elenco por questões de mercado. Existe uma dificuldade maior para escalar os atores atualmente?

A gente mudou o modelo de negócio, mas dificuldade eu diria que não existe. Continuamos sendo um lugar atrativo para todo mundo. O que a gente tem é a preocupação

de ter uma tela brasileira. Você pode ver o trabalho que a empresa está fazendo. Sempre gostei de lançar, trazer gente nova, de inovar. Isso traz frescor para a tela. A dramaturgia tem alguns princípios que você não pode mexer. Você tem que ter o folhetim, tem que ter o triângulo amoroso, mas você tem que ter frescor. Frescor você traz através de elenco, através de novos autores. É do nosso ofício. Mas a gente não pode deixar de ofertar grandes nomes. E a gente oferta.

Falando em novos autores, que nomes as pessoas devem ficar de olho para os próximos anos?

É até chato isso, por que posso esquecer de alguns (risos). Mas tem o Elisio Lopes Jr, que está trabalhando com Rosane Svartman em “Elas Fazem Direito” e que trabalhou com o

Duca Rachid e foi fundamental pra estruturar e conceituar “Amor Perfeito” (2023). Tem o Juan Julian, um menino novo que já fez um filme conosco e apresentou projetos. Temos também a Renata Martins e a Jaque Souza, do “Histórias Impossíveis”, que estavam na oficina de novos autores de novelas e vão apresentar projetos. Tem a Cleissa Regina Martins, que fez especial de Natal, “Terra e Paixão” (2023) e também concorrendo a vaga para uma novela. Tem Renata Andrade e Thaís Pontes, de “Encantado’s”, também. E Dino Cantelli, de “Vítimas do Dia”. Fiquem de olho.

Vocês estão fazendo oficina para formar autores de novelas para todos os horários?

Fiz uma oficina das 18h e estou fazendo para as 19h. Mas novela das nove não, porque pra fazer novela das nove, tem que passar antes pela das seis ou das sete. Nessas oficinas, a gente faz sinopse, vai e volta, um bloco, dois blocos, quantos blocos precisar para ir até o final, para a gente estar seguro, acreditar nesse texto.

Antigamente, havia uma fila muito organizada nos vários horários na Globo. Se sabia a novela que vinha a seguir com uns três anos de antecedência. Isso mudou um pouco. Por quê?

Acho que tem que paralelizar o desenvolvimento de novelas. Tenho dois ou três autores pensados. Prevejo, para que eu tenha o mínimo de planejamento, mas, ao mesmo tempo, tenho que ter opções. O que estou tentando montar é uma estrutura para que a gente sempre tenha duas ou três opções.

A gente vive um momento em que existe muita oferta de telas. Ainda faz sentido tentar prender a atenção das pessoas por seis, sete meses?

Novela é um hábito. A gente conquistou. Com essa mudança, começa a aparecer um outro jeito, um outro olhar. Estamos experimentando, tentando ver como continuar mantendo esses números.

Você pode dar um exemplo prático?

Hoje, as pessoas querem ver TV e se identificar. É uma impressão que tenho. Comecei a entender, por exemplo, quando a gente foi fazer “Fuzuê” (2023). Essa é a nossa função para que a gente siga sendo atraente. E continuamos sendo. Os números comprovam isso. Não tem nada de arrogante nisso. É estatístico.

Espetáculo da Adorável Companhia, de Guapimirim, município da Baixada Fluminense, reconta “Romeu e Julieta”, clássico de William Shakespeare, colocando em cena um ator preto e suburbano para discutir estereótipos e preconceitos na montagem de “Eu, Romeu”, um solo narrativo do ator Marcos Camelo.

Celebrar a insistência petulante dos improváveis, a paciência dos que não se encaixam e exaltar a teimosia, são o mote da peça de dramaturgia autoral e contemporânea de “Eu, Romeu”, cuja história transita pela sua própria vida de homem pardo, periférico, nascido e criado no subúrbio do Rio, mais especificamente em Rocha Miranda, uma parte da cidade sem biblioteca, cinema, teatro ou qualquer outro espaço para produção e consumo de cultura.

O ator traz à cena a história de heróis perdedores, daqueles que fazem o que podem com o que são e que – com honra, dignidade e bom humor –, ousam sonhar, lutar e quase sempre perder.

“A inspiração para o espetáculo partiu do quanto estão estruturados na sociedade os sistemas pré-determinados que impõe limites aos cidadãos devido a sua ascendência, a cor de pele, CEP e cultura”, explica Camelo.

A encenação mistura música, teatro e circo em comunicação direta com a plateia, com a finalidade de um teatro de extrema intimidade com cada pessoa. O “Eu” no nome da peça pode ser, também, qualquer pessoa da plateia que se sinta representada na cena. Assim, a tragédia mais amada de Shakespeare “Romeu e Julieta” se mistura à recorrente tragédia dos subúrbios do Rio de Janeiro. Transpor essas barreiras equivale a uma verdadeira odisseia, uma constante luta desigual para afirmar sua potência, alcançando objetivos e sonhos.

“A montagem tem muita relação com a minha experiência em identificar as potências de cada indivíduo através do tra-



Marcos Camelo em cena em ‘Eu, Romeu’, com direção de Cecília Viegas: ‘A peça nos mostra que um povo sem acesso à cultura é um povo que tem roubado os seus direitos e sua capacidade de sonhar’

Um Shakespeare periférico

Adorável Companhia, grupo de Guapimirim, reconta clássico do dramaturgo inglês em ‘Eu, Romeu’

balho com circo social. Isso foi fundamental para criação de um espetáculo centrado no ator e nas competências dele na cena”, ressalta a diretora Cecília Viegas.

Em cena, Marcos Camelo, um ator do subúrbio carioca, que provavelmente não teria a chance de estar dentro do personagem criado por Shakespeare, lança mão de tudo o que é, e que tem, para fazer com que o espectador brinque com esta peça. Um ator

que é o início e o fim de todas as ações. Os estereótipos e a regionalização das oportunidades estão no palco, além das barreiras físicas e reservas de mercado.

“Um artista que fala de si para falar do mundo, um espetáculo divertido e provocador que tem a cara do nosso povo. É Shakespeare do hip hop ao samba”, comenta Marcos.

Premiado em vários festivais pelo Brasil, “Eu, Romeu” já cir-

culou por 10 cidades de Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Amazônia, e agora, pela primeira vez, será apresentado no Rio. “A peça nos mostra que um povo sem acesso à cultura é um povo que tem roubado os seus direitos e sua capacidade de sonhar”, conclui o ator.

A temporada carioca de “Eu, Romeu” conta com patrocínio do Governo Federal, Ministério

da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Lei Paulo Gustavo, com o apoio da Funarte e do Ministério da Cultura através do Programa Funarte Aberta 2023 – Ocupação dos Espaços Culturais do Rio de Janeiro.

SERVIÇO

EU, ROMÉU
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
De 14 a 29/6, às sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Um contraponto à dança elitizada

Alvaide Ka/Divulgação



O espetáculo faz uso da linguagem da dança contemporânea permeada pelas danças populares brasileiras

Espectáculo 'Outras Mulheres' inicia temporada na capital, municípios da região metropolitana e interior do RJ

Uma manifestação artística e política da diversidade e resistência feminina, baseadas nas histórias de mulheres oriundas das periferias do Rio de Janeiro: assim é o espetáculo de dança "Outras Mulheres", que realiza temporada na Região Metropolitana do Rio e no interior do Estado, neste mês de junho, com entrada gratuita.

Com música ao vivo, que mergulha nas raízes culturais de diversas mulheres, o espetáculo fomenta a reflexão e a conscientização sobre temas fundamentais das vivências das mulheres do Rio e conta com quatro dançarinas, três percussio-

nistas em cena e possui a duração de aproximadamente 60 minutos.

"Através da linguagem da dança contemporânea permeada pelas danças populares brasileiras e afro-cubanas, celebramos a força das mulheres que vieram antes de nós. Trazemos essa pluralidade de histórias e memórias para a cena, por meio da expressividade e poesia com voz, movimento e música ao vivo", explica Tatiana Silva, uma das diretoras do espetáculo.

Realizado pela Marimba Cultural, "Outras Mulheres" estreou em 2022 como uma performance realizada no Museu do Samba, durante o evento Matriarcas do Samba & Os

Insurgentes e busca atingir mulheres de bairros da Zona Norte e periferias do Rio, onde existe um número considerável de moradoras expostas à violência, vivendo em situação de vulnerabilidade e de pobreza. Outras Mulheres é contemplado na Lei Paulo Gustavo da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura de Maricá e a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

"Outras Mulheres não é apenas um espetáculo de dança, ele representa um contraponto à narrativa convencional e elitizada da dança, exaltando a potência, a riqueza e a autenticidade dos corpos periféricos e as histórias intrínsecas a essas mulheres. Em vez de perpetuar a tradicional celebração do Ballet clássico, esse espetáculo é um mergulho em diversas linguagens de dança, como a dança contemporânea, danças populares brasileiras e afro-cubanas", comenta Vitória

Pedro, que divide a direção com Tatiana Silva.

No ano de 2023, foram registrados 3.181 casos de violência contra as mulheres, praticamente 8 registros por dia, um aumento de 22% em relação aos registros do ano de 2022. Os dados estão no boletim 'Elas Vivem: Liberdade de Ser e Viver', da Rede de Observatórios da Segurança, publicado dia 7 de março deste ano, véspera do Dia Internacional das Mulheres, como um alerta sobre a violência doméstica. A situação se agrava para mulheres negras, que ainda são submetidas a salários significativamente menores do que homens brancos e sofrem com a discriminação no acesso à saúde.

"Este projeto entende a arte como um espaço de conscientização, reflexão e acolhimento. Então, a partir de um resgate através da ancestralidade feminina, valorizando aquelas que nos precederam e

pavimentaram os caminhos pelos quais hoje trilhamos, este objetivo é alcançado", analisa Nathalia Leite, produtora do espetáculo.

Segundo a produção, Outras Mulheres está ancorado na missão de promover e fortalecer a diversidade e resistência feminina, encontrando respaldo jurídico em importantes leis brasileiras que visam a promoção da igualdade de gênero e a proteção dos direitos das mulheres, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que visa coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Além disso, o espetáculo também busca conscientizar e refletir sobre a urgente necessidade de discutir e enfrentar tais questões violentas, através da Lei nº 12.288/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, visando garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância racial.

"Além de se apresentar como uma expressão artística, o Outras Mulheres se consolida como uma resposta direta às exigências sociais e legais de uma sociedade que busca ser mais justa, igualitária e respeitosa com todas as suas mulheres", finaliza Tatiana Silva.

SERVIÇO

OUTRAS MULHERES

De 12 a 23/6

12/6, às 19h30: Teatro Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163)

13/6, às 19h: Teatro Gonzaguinha (Rua Benedito Hipólito, 125 - Centro)

20/6, às 19h: Teatro Municipal de São Gonçalo (Rua Dr. Feliciano Sodré, 100 - Centro)

21/6, às 19h30: Teatro Sylvio Monteiro (Rua Getúlio Vargas, 51 - Centro, Nova Iguaçu)

22/6, às 18h30: Centro Cultural Maestro José Figueira (Praça Manoel Congo s/º - Centro, Paty do Alferes)

23/6, às 16h e 18h30: Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU (Rod. Amaral Peixoto, Itapeba - Maricá) | Entrada Gratuita

Por **Bruno Molinero** (Folhapress)

“Índio quer mercado.” Foram essas as três primeiras palavras de uma reportagem publicada em abril de 1995. No texto, eram apresentados os primeiros passos de uma literatura escrita por autores indígenas, entre eles Daniel Munduruku e Kaká Werá.

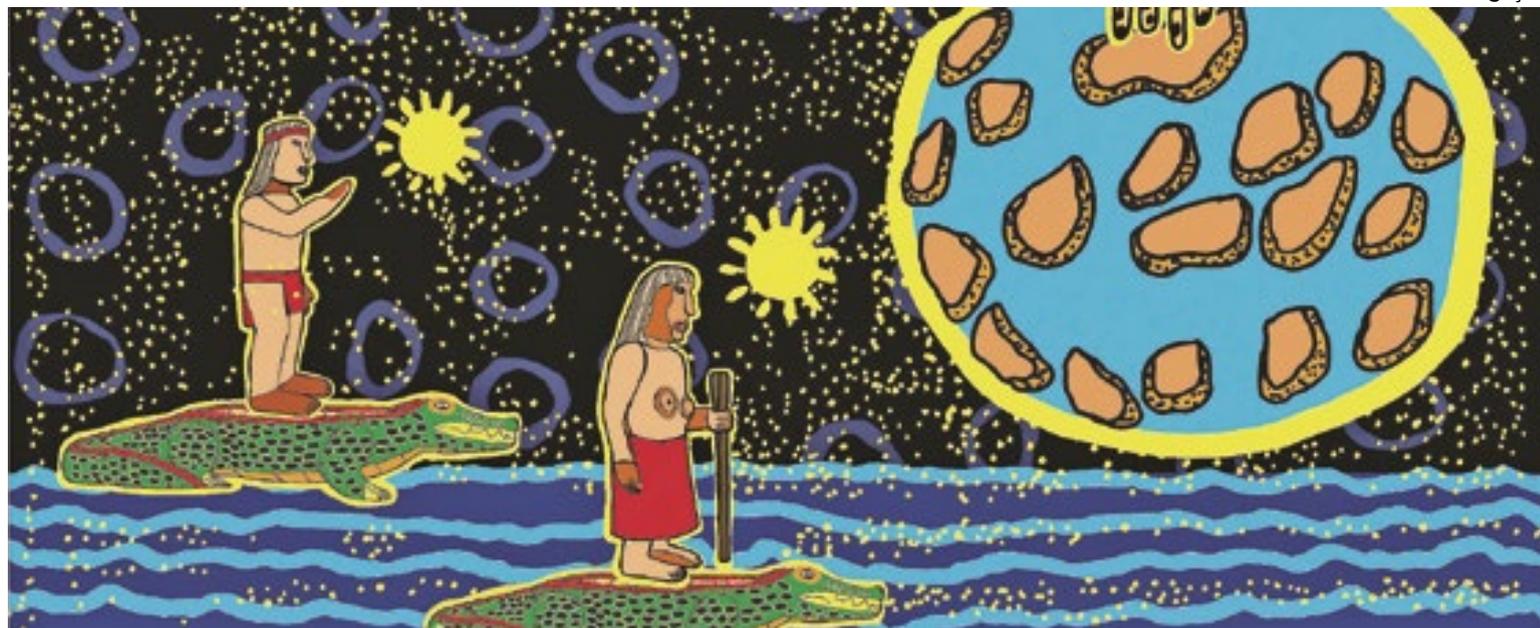
Décadas depois, quase tudo mudou. Já faz tempo que chamamos essas populações de indígenas. Tornou-se inimaginável usar uma caricatura linguística digna de filme dublado de faroeste na hora de se referir a esses povos, como se fossem incapazes de dominar perfeitamente o português. E há anos guaranis, macuxis, mundurukus, yanomamis e outras etnias já são realidade no mercado editorial.

Mas existe algo a mais. Agora, uma nova geração de escritores e ilustradores começa a despontar e a lidar com outros desafios dentro da literatura indígena brasileira - como, por exemplo, encontrar maneiras de aumentar o protagonismo de autoras mulheres, ainda baixo, e ampliar as fronteiras para além do infantojuvenil, levando às livrarias também romances, contos, poesias, crônicas e ensaios.

“Eu faço uma curadoria para o Instituto Oceanos e já contabilizamos 156 autores indígenas no Brasil hoje”, afirma Kaká Werá, um dos pioneiros. “É uma diversidade grande, que segue forte, mesmo depois de um governo que nos atacou de maneira nunca vista na história, talvez só no período colonial”, diz o escritor, descendente de tapuias e acolhido pelos guaranis.

Embora livros pontuais até tenham sido publicados em décadas anteriores, a linha do tempo da literatura indígena no Brasil aponta o início dos anos 1990 como momento de formação. São dessa época obras como “O Índio Aviador”, de Marcos Terena e Atenéia Feijó, e “Histórias de Índio”, de Munduruku.

O período coincide com o fortalecimento do movimento e do ativismo identitários, muito incentivados pela Constituição de 1988, na qual há um capítulo dedicado



levantamento do Instituto Vera Cruz mostra que, de 1996 a 2021, 163 títulos infantojuvenis de escritores indígenas de 21 etnias foram impressos no Brasil

Novos autores ampliam diversidade na **cena literária indígena**

Nova geração de autores desponta com desafio de superar fronteiras de gênero

a essas populações. Desde então, ficou quase impossível separar a literatura da luta por direitos.

Logo em seguida, vieram uma parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além de incentivos do governo federal, que criou editais para compras de obras com temáticas indígenas para escolas e bibliotecas e implementou a lei 11.645/08, que incluiu o ensino de culturas originárias e afro-brasileiras nas salas de aula.

Somadas, essas iniciativas aju-

daram a direcionar definitivamente as publicações desses povos para um leitor específico - as crianças e os adolescentes.

Levantamento

Para se ter uma ideia, um levantamento feito por Carolina Bueno Nogueira no Instituto Vera Cruz mostrou que, de 1996 a 2021, 163 títulos infantojuvenis de escritores indígenas de 21 etnias foram impressos no Brasil. Além dos já citados, há figuras como Olívio Jekupe,

Eliane Potiguara, Yaguarê Yamã e Graça Graúna, por exemplo.

“Eu nunca tinha pensado em publicar para esse público”, conta Xadalu Tupã Jekupé. O artista plástico tem obras em instituições como o Museu de Arte Moderna de São Paulo e acaba de lançar seus dois primeiros livros, ambos infantojuvenis. “Lá na aldeia, o cacique fala que acredita muito nas crianças de hoje, porque elas têm a oportunidade de fazer tudo diferente no futuro.”

Pela editora Piu, o autor guarani publicou “Cadê Cadê”, com texto de Paula Taitelbaum. E, quase ao mesmo tempo, chegou às livrarias “O Caminho para a Casa de Barro”, feito em parceria com Rita Carelli e editado pela Baião, selo infantojuvenil da Todavia. De formas diferentes, ambos escancaram os efeitos catastróficos dos ataques do homem branco contra as sociedades indígenas e a natureza.

Tudo é tão atual que chega a ser tentador enxergar neles um clarão premonitório. Nascido em Alegrete e morador de Porto Alegre, o ilustrador viu sua casa e seu ateliê serem alagados pelas enchentes que arrasaram o Rio Grande do Sul. Provisoriamente no Rio, onde participa de uma residência artística no Museu Nacional de Belas Artes, ele terá uma exposição individual aberta na instituição em 2025.

Carolina Bueno diz ser otimista e vê o cenário ficando mais equilibrado. No ano passado, por exemplo, o livro “Guerreiras da Ancestralidade” ganhou o prêmio Jabuti. Gratuito e organizado pelo Mulherio das Letras Indígenas, com Eva Potiguara e Vanessa Ratton à frente, o volume reúne gêneros que vão da poesia à crônica, sem ficarem restritos à temática infantojuvenil.

“Essa é a próxima fronteira a ser superada. Na publicação para adultos, ainda predominam pessoas que falam por nós, sobre nós, através de nós”, afirma Werá.



Fani Bracher reinterpreta as paisagens de Minas Gerais com telas e gravuras feitas a partir de pigmentos e bordados sobre papel

As Geraes reinventadas

Fani Bracher apresenta novos trabalhos em individual na Galeria Evandro Carneiro



A Galeria Evandro Carneiro Arte abre ao público nesta quinta-feira (13) a exposição Fani Bracher, que apresenta 29 obras da artista cuja trajetória reflete uma profunda conexão com as paisagens e a história de Minas Gerais. A individual apresentará quatro caixas-colagens, inéditas ao público, 14 grandes telas datadas em diversas fases e algumas gravuras feitas a partir de pigmentos e bordados sobre papel.

Cada peça reflete a dedicação de Fani em explorar e reinterpretar as paisagens de Minas Gerais, oferecendo ao público uma visão úni-



ca e poética do território mineiro. A curadoria é de Evandro Carneiro.

Fani Bracher é conhecida por reduzir a paisagem à sua estrutura mínima, utilizando céu, montanhas e árvores como elementos centrais de sua composição. Sua obra reflete a temporalidade e a história de Minas Gerais, frequentemente abordando as cicatrizes deixadas pela mineração na região. Durante a pandemia, Fani Bracher explorou novas dimensões cromáticas, inspirada pela delicadeza da chita e pela memória da casa verde de sua infância. Este período resul-

tou em murais vibrantes e em uma série de caixas-colagens que utilizam materiais naturais como pigmentos, pedras, folhas e carvão, coletados em suas caminhadas pelos vales de Ouro Preto.

SERVIÇO

FANI BRACHER

Galeria Evandro Carneiro Arte (Rua Marquês de São Vicente, 124/108 - Shopping Gávea Trade Center)
De 13 a 29/6, de segunda a sábado (10h às 19h)
Entrada franca